

jornal da tarde

SÃO PAULO, TERÇA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1989 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

VÍDEO



VII Festival Fotoptica Videobrasil



Saiba
como ser
um
videomaker

A história
do festival,
de 1983
até hoje.

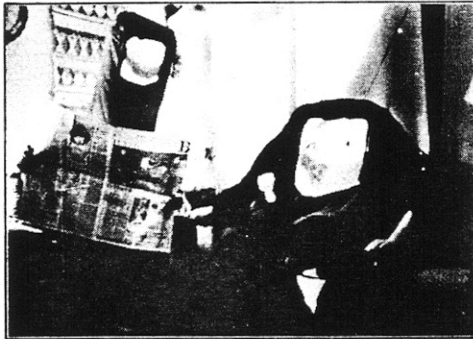
OS INDEPENDENTES SE AFIRMAM

Um roteiro completo da mostra



O Canal do Vídeo no Brasil

O Festival Fotoptica Videobrasil vem se afirmando, desde 83, como a mais expressiva mostra dos videomakers do país. Lançando e consagrando talentos.



As videocriaturas de Donasci



O premiado vídeo de Rita Moreira



A jornalista Solange Oliveira foi a responsável pela criação do Festival em São Paulo



John Cage e Augusto de Campos em VT



"Eletrecidade", o grande vencedor do II Videobrasil

Procurando estimular uma maior produção de vídeos em todo o país, a jornalista Solange Oliveira fundou, em 83, o Festival Fotoptica Videobrasil, sem dúvida o canal de divulgação mais importante dos video makers brasileiros.

O I Videobrasil foi realizado em agosto de 83 e a mostra competitiva exibiu cerca de 90 vídeos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Curitiba. Paralelamente foram realizadas mesas-redondas com a participação, entre outros, de Walter Avancini, Walter Clark, George Durst, Helena Silveira e Luís Carlos Barreto. O primeiro lugar ficou com **Marli Normal** (Olhar Eletrônico), que lhe valeu uma participação no Festival de Vídeo de Munique 84. O se-

gundo lugar ficou com **Garotos do Subúrbio**, uma visão do movimento punk, também da Olhar Eletrônico. **Frau** (TVDO) ficou em terceiro faturando o prêmio que permitia ao grupo colocar no mercado tapes de seus trabalhos. O Grande Prêmio do Júri foi para **Caderneta de Campo** (Uzyra).

O primeiro lugar em 83 foi Marli Normal, do Olhar.

Em agosto de 84, o II Videobrasil tinha 60 participantes em competição, além de uma mostra paralela de produções alemãs, francesas e norte-americanas; vídeo-instalações, performances, vídeos psicodrama, debates, videojogos, oficinas, cursos, lançamento do primeiro guia de vídeo brasileiro, um espa-

ço para a comercialização de produção independentes e um mostra de 77 vídeos não classificados. Os seis melhores trabalhos foram: **Eletrecidade** (Eletroagentes/Videoverso), **Beijo Ardente** (Flávia Moraes/Hélio Alvarez), **Lixão do Alvarenga** (Abril Vídeo/Caco Barcellos/Kiko Gemael), **Ivald Granato in Performance** (TVDO/Tadeu Jungle/Walter Silveira), **Grafite Efêmero** (Marina Abs) e **Ali Babá** (Olhar Eletrônico). **Os Inconseqüentes** (Cia. Paulista de Vídeo/Fast Vídeo/Louis Chilson) ficou com o Prêmio Especial do Júri.

Com Tadeu Jungle protestando no palco contra o Prêmio Especial do Júri Popular para 55 (documentário de Mário Buonfiglio, Renato Gomes e Carlos Fariello) terminava em

outubro de 85 o III Videobrasil cujos vencedores foram **Video Noir** (Renato Delmanto/Geni Kikuta/Cláudio Lins) em VHS e **Amigo Urso** (TV Viva de Recife) em U-Matic. Nesse festival, além da mostra competitiva, houve outra informativa com documentários e entrevistas, uma exibição especial de trabalhos da Olhar Eletrônico, tapes de caráter ecológico com uma equipe liderada por Fernando Gabeira, uma retrospectiva de artistas plásticos e a aparição das bizarras videocriaturas de Otávio Donasci.

Não menos polêmico foi o final do IV Videobrasil. Na última hora o júri resolveu transferir o Prêmio Especial da categoria VHS para U-Matic. E diante de um público agitado foram entregue os dois Grandes

Prêmios para **Hia Sá Sá hai Yah** (Monte Vídeo/Tapiri) e **VT Preparado AC/JC** (Walter Silveira/Pedro Vieira), que mostra uma performance de Augusto de Campos e John Cage. Encerrando a noite, novos protestos.

Foi polêmico o final do IV Videobrasil

Com críticas à estrutura e aos critérios de seleção, começava em setembro de 87 o V Videobrasil que premiou **Pivete** (Geraldo Anhaia Melo), **Stultifera Navis** (Clodoaldo Lino/Eduardo Medrado/Neli Castro), **O Homem da Mala** (Waldir Afonso/Paulinho Macedônia), **Beijo na Boca** (Jacira Melo), **Uakti** (Emvídeo), **O Mundo no Ar** — Prêmio Júri Popular — e **Heróis da Decadên-**

cia (TVDO/The Academia Brasileira de Vídeo). Embora tenha abocanhado o Grande Prêmio U-Matic por **Heróis...**, Tadeu Jungle protestou mais uma vez.

Um jornal do Festival em nove edições mensais com tiragem de cinco mil exemplares e um telexdiário de entrevistas com gente ligada ao vídeo produzido num miniestúdio, montado pela JVC dentro do MIS, foram as novidades do VI Videobrasil em outubro de 88. O Grande Prêmio VHS ficou para **Temporada de Caça** (Rita Moreira) e **Wai'a Xavante** (Usina Press) e em U-Matic para **Duelo dos Deuses** (TVDO/Conecta). O VI Videobrasil foi considerado o de melhor nível de todos até então realizados.

Maurício Meleiro

Está aberta a temporada do VII Videobrasil



O Brasil será representada, no 'meeting' que corre paralelo à mostra, por Muiyaert (TV Cultura), Guel Arraes (TV Globo) e Rubens Furtado (TV Bandeirantes).

De 26 de setembro a primeiro de outubro, realiza-se no MIS (av. Europa, 158) o VII Festival Fotóptica Videobrasil com uma programação das mais variadas. Além da tão esperada mostra competitiva haverá vídeo-instalações, workshops sobre televisão e vídeo, um meeting entre convidados estrangeiros e representantes de emissoras de TV, uma mostra de realizadores ingleses e franceses e outra, **hors-concours** apenas com videomakers brasileiros.

As vídeo-instalações — com monitores de TV espalhados pelo MIS — são de autoria de Sandra Kogut (O Caminho da Vertigem),



TV e Videoarte no workshop de John Wyver

Eder Santos (Oremos) e Marcelo Mazagão (Adote um Satélite) enquanto a mostra **hors concours** conta com documentários de Flávia Moraes (O Programa Manhattan que Você Não Viu), Roberto Berliner (Angola), José Wagner Garcia (Trilogy Sky: Life/Body/Mind) e a dupla Marcelo Dantas/Maria Lúcia Mattos (Processing Signal), todos produzidos no exterior.

O workshop terá a participação do crítico e produ-

tor inglês John Wyver (dias 27 e 28, às 15h) que mostrará o intercâmbio entre TV e vídeo-arte através de programas europeus e norte-americanos. As inscrições podem ser feitas na secretaria do Festival (r. Cônego Eugênio Leite, 920). São 20 vagas com o pré-requisito de domínio da língua inglesa. Preço é de NCz\$ 50,00.

No meeting, que reunirá, no dia 30, às 10 e às 17 horas, representantes de vários países, estarão presentes Christiane Philippe e Jean Paul Trefois (rádio e TV belga), Pierre Bongiovanni (responsável pelo Festival de Montbeliard, na França), Dominique Tauvin (Canal Plus, França), Rod Stoneman

(Chanel Four, Inglaterra) e John Wyver (Illuminations, Inglaterra). Representando o Brasil estarão Guel Arraes (Rede Globo), Roberto Muiyaert (TV Cultura), Rubens Furtado (Bandeirantes), Adolpho Rosenthal (Manchete), Rogério Brandão (Gazeta) e Marcos Amazonas (TV Abril); distribuidoras de vídeo (Europlan-Polivides, Synapse e Cinevídeo) e produtoras independentes (Antevê, Metavídeo, Emvídeo, Olhar Eletrônico). Na oportunidade serão apre-

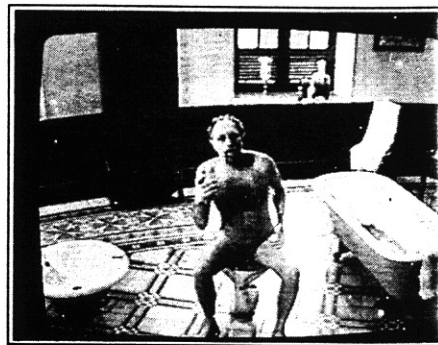
sentados aos convidados internacionais um panorama da situação do vídeo independente e das televisões no Brasil, as possibilidades de parceria na co-produção de projetos nacionais, além de debates sobre os critérios de avaliação de projetos e compras. O dia 30 está reservado para encontros em duplas ou em grupos entre profissionais brasileiros e convidados estrangeiros.

O encontro terá tradução simultânea e uma infra-estrutura que permita o encaminhamento das propostas de trabalho. Para maiores informações sobre o meeting ligue para 280-5480/6031 (e fale com Marília).

A mostra francesa exibirá trabalhos da produtora Ex-Nihilo, uma das mais premiadas do mundo e responsável pela série **Avec surimage**, do Canal Plus. Os ingleses exibirão uma seleção de vídeos realizados na segunda metade dos anos 80: teipes de George Barber e George Snow, a série **Electric Eyes**, uma colctânea de quatro trabalhos realizando e utilizando técnicas de vídeo, distribuída pela Film & Video Umbrella (organização que promove e comercializa vídeos e filmes experimentais).

A mostra competitiva será composta de 40 vídeos selecionados entre 160 inscritos e terá duas categorias, VHS e U-Matic, que estão divididas em ficção, documentário, musical e videoarte. O júri que escolherá os melhores trabalhos é formado por Tadeu Jungle (premiado em três oportunidades no Videobrasil), Doc Comparato, Isa Castro, Ricardo Van Steen, Ricardo Nauenberg, Dennis Carvalho e Patrícia Travassos.

Elixir do Pagé:
Três espertas
donzelas resolvem
matar aula e dar
um passeio no
cemitério, local
agradável onde
lêem e discutem
o poema "Elixir
do Pagé", do
ilustre escritor
Bernardo Guimarães.
Paralelamente,
um cidadão
solitário declara
o mesmo poema e
monologa com seu
pênis (dia 26, terça)



Existe um país...
VHS/ Ficção, feito
pelos alunos de
José Antonio Tauil.
Um negro rebelde
e inconformado
com sua situação
financeira decide
fundar um país
próprio em casa.
O resultado é
um mix de Kafka
com Cervantes,
com **novelinha** de
campanha de
Paulo Maluf para
o horário político.
(28, quinta.)

A CÂMERA S' ESTÁ EXPOSTA I FOTOPTICA.

Canon

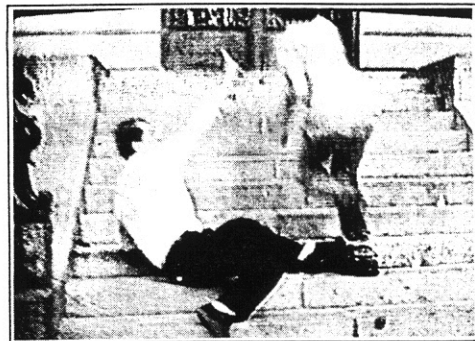
E ESTE PREÇO II CÂMERA STILL I NA FOTOPTICA.

Preço da Still Vídeo Câmera. Outra exclusividade Fotóptica. A última novidade em oferta

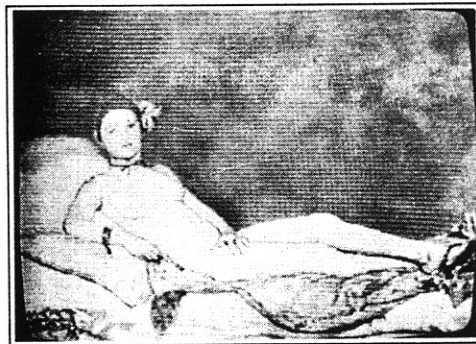
Araça Azul:
Produção em
VHS na categoria
musical, é um
trabalho da
Mandrake
Produções
e Marcos Vilar.
O mito Caetano
Veloso aparece
num depoimento
sem
compromisso.
Participa também
o cantor e
compositor Gilberto
Gil. (dia 27, quarta.)



A Besta:
Em U-Matic,
é uma produção da
Olhar Eletrônica,
com Paulo Morelli
e Renato
Ciasca. Um
bucólico passeio
a cavalo resulta
em dois atos
de violência: um
ambientado no
campo e no outro
bem no Centro
de uma
megalópole.
(28, quinta.)

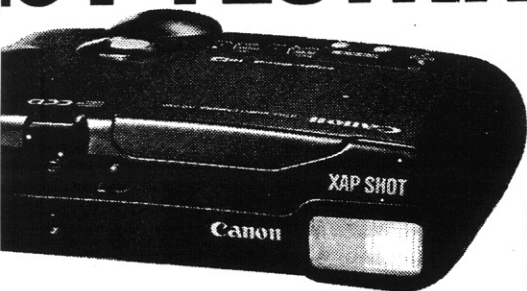


Ao som de Marisa
Monte, Titiãs,
Cazuza, Grace
Jones e outros,
jovens prostitutas
comentam seus
sonhos, temores,
primeiras
experiências,
maternidade, aids
violência e morte no
documentário de
Jacira Melo,
Meninas (U-Matic).
O vídeo será
apresentado na mostra
competitiva do
dia 30 (sábado)



As Senhoritas de Avignon
é uma dinâmica
colagem de sons
e imagens que
marcam, sem
dívida, um dos
momentos
visuais mais
atraentes do
Festival. Esta
narrativa não
linear será
apresentada
também no dia
30 (sábado). De
Luiz Fernando
Villaça e Carlos
Porto de Andrade Jr.

ILL VÍDEO CANON O 7º FESTIVAL



Still Vídeo Câmera.
Exclusividade Fotoptica.
A última novidade em
Câmera fotográfica
eletrônica. Sem filme,
com disquete magnético.
Resultado instantâneo
na TV.

INCRIVEL DA STÁ EXPOSTO SÓ

6.525,00



Os mais interessantes vídeos em competição

Entre os 40 vídeos exi-
bidos na competição, desta-
cam-se os seguintes, com
exemplares das várias cate-
gorias participantes:

DIA-27

"Função" (U-Matic/Ficção — Selvagens Produções/Beto Salatini e Edson Santos) — Ao som de reggae e funk, a trajetória de um marginal que não hesita um segundo na hora de puxar o gatilho, mesmo se tiver que apagar um amigo.

Dia-28

Expiação (U-Matic/Documentário - Olhar Eletrônico/ Co-produtora/Vídeo Imagem/Renato Barbieri) — Pronunciamento do presidente José Sarney literalmente em cadeia nacional (o dito cujo aparece atrás das grades). Sarcástica visão da hipocrisia contida nos discursos das autoridades como Alex Cox fez na sequência final (as telas de vídeo) de Walker.

E o Zé Reinaldo, Continua Nadando? (U-Matic/Ficção - Olhar Eletrônico/ Adriano Goldman e Hugo Prata) — Depois de tomar um chopinho com

Mário Prata, Gianfrancesco Guarnieri (o próprio) é envolvido numa trama de assassinato por uma fã (Giulia Gam), telefonista no clube esportivo do qual é associado. Muito bom humor com direito a um final surpresa.

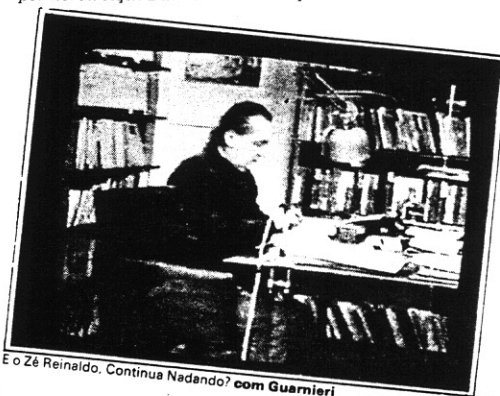
DIA 29

A Paixão Segundo Bruce (VHS/Ficção — Luis Duva e Beto Costa) — Enquanto a grande produção Batman não chega, nada melhor do que assistir a este prólogo que bem poderia se tornar o epítolo do conhecido e festejado super-herói. Aqui Batman es-

tá decadente, abandonado e tendo verdadeiros delírios eróticos com o Coringa. Os momentos mais escabrosos são o beijo durante um duelo e Batman se masturbando com o exemplar de "Piada Mortal". Hilariante.

DIA 30

O Jardim Dos Animais (VHS/Videoarte — Janela Gráfica e Opinião/Sérgio Luz) — Sem maiores frescuras, um vídeo de animação baseado em ilustrações de Ana Raquel feitas para o livro O Jardim dos Animais, de Ronald Claver. Simples e bonito.



É o Zé Reinaldo. Continua Nadando? com Guarnieri



Idéia na mão, câmera na cabeça.

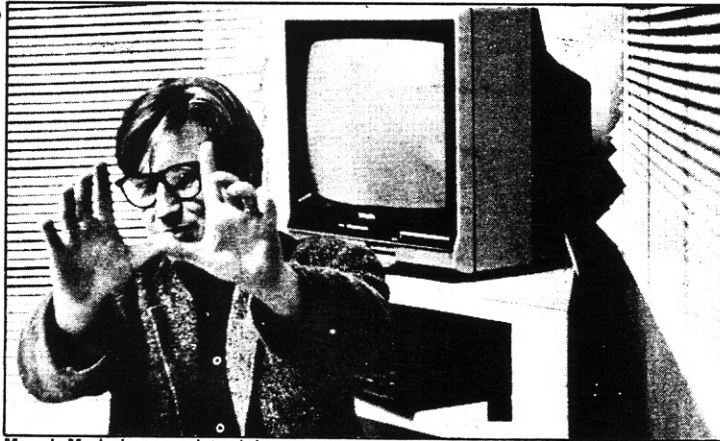
A primeira geração de videomakers do país amadureceu e ganhou uma visão crítica de seu trabalho

"Não é comprando equipamento que se vira videomaker"...

Marcelo Machado, premiado no 1º VídeoBrasil e diretor da produtora independente Olhar Eletrônico, resiste ao termo **videomaker**. Quando vai preencher a ficha de entrada num hotel, hesita e acaba registrando-se como arquiteto, profissão de formação mas não de fato.: "Não gosto desta expressão. Não sei configurar um **videomaker** como uma atividade, talvez eu seja um produtor de imagens".

Essa hesitação de Marcelo é explicável. Para ele, ser um **videomaker** é estar muito mais perto das idéias do que operando uma câmera. Ele explica:

— O fundamental é que a pessoa tenha um bom repertório cultural. Essa é a receita básica de um **videomaker**, se é para usar o termo. Ele deve ler, ouvir e ver tudo, mas nada gratuitamente. É importante que exerça uma crítica, uma reflexão. Não deve limitar-se apenas a assuntos ligados à televisão e vídeo. De se preocupar com clássicos universais da literatura, o desenvolvimento científico e tecnológico e



Marcelo Machado, um produtor de imagens.

um pouco de psicologia.

Marcelo aconselha que se tenha uma atenção especial com artes plásticas: "É muito importante se conhecer como o homem articulou as imagens ao longo do tempo".

Numa segunda etapa, o candidato a videomaker precisa ter um conhecimento fotográfico. Segundo Marcelo, o olhar deve se desviar para as decupagens clássicas da montagem e estruturas de roteiro. Mas segredo, insiste é jamais perder de vista as idéias e o **background** cultural: "Tenho visto muita gente que desenvolve conhecimentos específicos, faz produções com uma fotografia cuida-

dosa, com ritmo, mas o resultado é vazio e mal referenciado".

O dinheiro também é dispensável. "Para produzir imagens e articular idéias não é preciso equipamento. Um dos **videomakers** que eu mais respeito, o Renato Barbieri, busca parceiros para produzir suas criações, aluga equipamentos. Com o desenvolvimento tecnológico e o barateamento dos equipamentos muita gente começou a produzir vídeos. Não é comprando um equipamento que se vira um **videomaker**."

Na esteira destes conceitos, Marcelo Machado

lança uma bateria de perguntas. O endereço são os candidatos a **videomakers**. E o conteúdo reflexivo destas questões é oportuno.

Por que as pessoas fazem vídeo? O vídeo é o lápis da pós-modernidade? É por isso que tanta gente se sente moderno, só porque faz vídeo? Ou se faz vídeo porque não se consegue fazer cinema? E quantos dos que fazem vídeo gostariam de fazer cinema? E quantos gostariam de fazer televisão? Por que a televisão não se interessa pelos festivais?

As perguntas não acabam aí. Para pensar, antes de ligar a câmera.

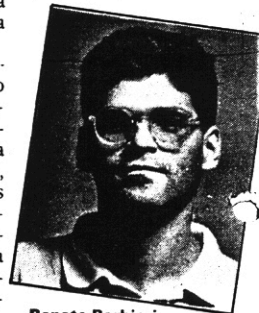
Uma percepção de som, imagem, ritmo e idéia. Uma alquimia.

"Cada **videomaker** tem lá o seu estilo, a sua colocação pessoal perante o trabalho. No Brasil, esses profissionais acabam muitas vezes fazendo televisão. Meu objetivo é fazer vídeo na TV, criando, do material da tevê, uma linguagem de vídeo. Isso significa um encontro, uma alquimia entre a imagem e o som —, de modo que um seja o outro e a mesma coisa. É assim que se atinge o grande barato no vídeo. Ele pode alargar os horizontes da televisão porque esta vem de uma concepção herdada do cinema e do jornalismo impresso. Mas o vídeo é a verdadeira identidade da TV.

O videomaker é um investigador da ainda muito pouco explorada linguagem do vídeo. Esta linguagem? É definida por uma percepção de imagem, som, ritmo e idéia. Alguns querem fazer uma linguagem de vídeo para um circuito fechado por causa da estrutura da TV, já tão pouco maleável a novos formatos. O videomaker tem um pouco de guerrilheiro. Fazer vídeo é conviver com a

falta de recursos e se aproximar de uma aventura sem promessa de retorno financeiro sem choro nem vela. Você se atira a captar uma realidade ou uma visão estética com os recursos disponíveis: às vezes tudo que sobra é uma câmera na mão e uma ilha de corte seco. That's all, baby."

(Renato Barbieri tem 31 anos e é **videomaker**. É diretor da Vanguarda, o jornal radial chic que fecha a programação noturna da Rede Bandeirantes. Renato foi o vencedor do Tucano de Prata em 85 com o vídeo **Do Outro Lado da Sua Casa**, do Tucano de Ouro em 87 com **Duvideo** e este ano concorre ao Videobrasil com um documentário sobre a subjetividade do poder no Brasil: **Expição**.)



Renato Barbieri: "a verdadeira identidade da TV é o vídeo".

Liberou geral: qualquer um pode.

Videomaker: realizador de vídeo. Hoje todos podem ser "videomakers". Pelo menos é esse o tom desta maravilhosa zona. Uma câmera na mão, etc., etc. Acontece que o vídeo já aconteceu no País. Desde o início da década de 80 que o acesso a um equipamento de vídeo foi "permitted" a um grande número de pessoas. Liberou geral. Qualquer um "phode". Da festinha do bebê babão até o videoclip do Prince, tudo é vídeo. Videomaker. E é verdade. Vídeo é o suporte do fascínio. De repente, com alguns dólares no bolso pode-se entrar na caixa que exhibe os grandes ídolos e inimigos do planeta. É o rompimento de uma au-

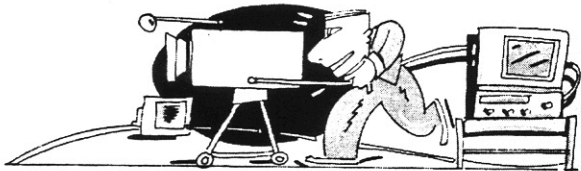


Tadeu Jungla: o resto são nuances.

ra, de um ícone que dirige uma nação. Se não acontece na televisão, então não aconteceu. O vídeo permite, cada ano mais, que o transeunte possa produzir imagens e sons de seu próprio delírio. Videomeiquer

é atividade de resolução. O resto são nuances que a crítica pode detectar. Hoje, eu tenho uma máquina fotográfica, mas não sou fotógrafo.

Tadeu Jungla



Sem dinheiro, fique com aluguel.

Se você sempre sonhou em se tornar um videomaker, acorde para a realidade. Os custos para se adquirir os equipamentos são bastante altos, pois, além dos preços, parte do equipamento, como as ilhas de edição, só pode ser encontrados no exterior. O material de captação de imagem e som — câmera, gravador portátil, tripê, monitor e microfones — e a ilha de edição custam no total em torno de dez mil dólares,

no caso de serem no formato VHS (o tipo de vídeo que você tem em casa). Se forem U-matic (de utilização mais profissional), a qualidade sobe, e o preço também: vinte e sete mil dólares.

A saída que as produtoras encontraram para não ter que desembolsar tanto dinheiro é o aluguel. Neste caso, o equipamento de captação pode ser alugado por mil e quinhentos cruzados novos a hora, preço da tabela

(que pode variar dependendo da qualidade do equipamento e da locadora que você for utilizar).

Com o equipamento em mãos você já pode produzir seu vídeo. Você pode encontrar os equipamentos necessários nas seguintes locadoras: Moviecenter, na avenida Pe. Antonio José dos Santos, 1141 — Brooklin (tel.: 240-7999) e Poli-vídeo, rua Treze de Maio, 1033 — Bela Vista. (tel.: 251-3007).